

**“CARNET” DAS JOVENS: O CARÁTER INJUNTIVO
DO JORNAL DAS MOÇAS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA NOS ANOS 1950**

Bruna Ximenes CORAZZA

Profa. responsável: Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher

Resumo: Os anos 1950 constituíram um período de grandes transformações sociais e políticas no Brasil, porém a diferença entre papéis masculinos e femininos continuavam bem acentuadas. Neste artigo, objetiva-se a análise de algumas produções presentes na seção “*Carnet*” das *Jovens* do semanário carioca *Jornal das Moças*. A análise linguística das matérias selecionadas permitiu não apenas adentrar a mentalidade hegemônica da época e verificar as diferenças de identidades e relações de gênero naquela geração, mas perceber que essas representações estão, em muitos aspectos, presentes na sociedade atual. Parte-se aqui da premissa que é urgente a necessidade da discussão desses temas nos processos de formação docente e a sua inserção nas políticas curriculares da escola, destacando o poder da imprensa no processo de construção de identidades femininas.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Identidades; Identidades de Gênero; Imprensa Feminina.

INTRODUÇÃO

A década de 1950 no Brasil, apelidada de “anos dourados”, foi um período pós-guerra de grandes transformações. Segundo Carla Bassanezi (1997), com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), o país presenciou um crescimento urbano e industrial que culminou no aumento de possibilidades de educação e trabalho, bem como o acesso à informação, lazer e consumo, para todos os cidadãos, inclusive para as mulheres. Porém, mesmo neste panorama de possibilidades “douradas” e de mudanças nas práticas sociais, vários especialistas, como, por exemplo, Bassanezi (2012), apontam que as diferenças entre os papéis femininos e masculinos continuaram muito marcadas e que as mulheres continuaram a ocupar um lugar subalterno na sociedade.

Neste panorama histórico de conquistas e contradições, como se dá a construção da identidade feminina brasileira na década de ouro? Quais representações foram construídas por ou sobre as mulheres? Quais elementos ajudaram na construção dessas identidades? A seguir, reflito um pouco mais sobre essas questões, que auxiliarão na análise da(s) concepção(ões) de feminilidade em nosso país nos anos 1950.

AS MULHERES BRASILEIRAS NOS “ANOS DOURADOS”

Para entender melhor a forma como as mulheres foram posicionadas na década de 1950 no Brasil, é preciso refletir sobre o modo como isso se deu no período da Segunda Guerra Mundial. Nesse momento histórico, muitas mulheres norte-americanas, representadas pela ideologia *We can do it* contida em cartazes fartamente distribuídos pelo país¹, foram incentivadas a deixarem afazeres domésticos em prol do trabalho nas fábricas de materiais bélicos e de outros serviços vistos como essenciais. Ter deixado seus lares para participarem mais ativamente dos esforços coletivos de seu país para que este ganhasse a guerra, gerou nas mulheres norte-americanas certa sensação de independência, as quais, nos anos 1950, passaram, desse modo, a não querer abrir mão do espaço por elas conquistado duramente.



No entanto, com o fim da guerra e o conseqüente retorno dos homens às fábricas, essas mesmas mulheres foram “persuadidas” a voltar para o lar, local onde deveriam exercer suas “verdadeiras” responsabilidades e cumprir seus “devidos papéis” de esposa, mãe e rainha do lar (BASSANEZI, 1997).

No Brasil, a participação feminina no esforço da guerra deu-se através de enfermeiras que se alistaram para prestar cuidados aos soldados. Nesse sentido, Bassanezi (1997, p. 608) afirma:

Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina - impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico -, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.

Natania Nogueira (2012, p. 6) explica que, no entanto, embora as brasileiras também tivessem dado a sua contribuição durante a guerra, “nas entrelinhas, claro, ficava evidente que se tratava de uma situação provisória. Tão logo acabasse a guerra, as mulheres retornariam para o local que lhe era devido, suas casas”.

Na primeira metade do século XX, não havia dúvidas sobre os papéis reservados à mulher, qual sejam, “esposa”, “mãe” e “dona de casa”. Embora o período de guerra tenha “questionado” um pouco esses papéis, como já dito, a situação da mulher naquele

¹ “Nós podemos fazer isso”, em tradução livre. Esse cartaz, produzido pela Westinghouse durante a II Guerra Mundial para o Comitê de Coordenação e Produção de Guerra, foi parte de uma campanha nacional dos Estados Unidos para recrutar mulheres para força de trabalho, veiculando uma imagem de mulher trabalhadora, determinada, confiante e atraente, sem deixar de lado a sua feminilidade (Retirado de: <<http://www.wdl.org/pt/item/2733/>>. Acesso em 01/04/2014).

contexto era temporária e a sociedade não tinha intenções de deixar germinar qualquer independência feminina naquele momento.

À mulher, se fosse casada, continuaram cabendo os afazeres domésticos e os cuidados com o marido e com os filhos. Se ainda jovem e solteira, era necessário que correspondesse às expectativas masculinas e, o quanto antes, “contraísse” matrimônio. A família-modelo dessa época era constituída, então, pelo homem, “chefe” da casa, responsável pelo sustento da esposa e dos filhos e pela mulher, que além de “rainha do lar”, esposa e mãe, deveria dar a devida atenção à sua feminilidade, isto é, à beleza, delicadeza, resignação e doçura, atributos vistos como essenciais para o sucesso de um casamento tradicional. Dentro desse modelo de família brasileira, a mulher que buscasse um trabalho fora do lar não era bem vista, já que locais como as fábricas, por exemplo, eram considerados *antros da perdição*, “por conta das longas jornadas, das péssimas condições de higiene e do assédio sexual frequente” (BASSANEZI, 2012, p. 503).

Sendo assim, era absolutamente inquestionável que, até os anos 1950, as figuras de “moça de família”, de “esposa, “mãe” e “dona de casa” dedicadas representavam as quatro facetas da feminilidade ideal e estavam ligadas a um comportamento de obediência, doçura e pureza. A mulher devia ficar restrita ao território demarcado pela sociedade e preparar-se para seguir o destino do seu sexo biológico, iniciando desde cedo, sob a orientação da mãe e de outras mulheres experientes da família, uma educação em relação ao lar, ao casamento e à maternidade. No entanto, com as transformações sociais nos anos 1950, ficava cada vez mais difícil trancafiar as moças dentro de casa. Uma nova era chegava e com ela muitas e novas perspectivas se abriam diante das mulheres, que começavam a dar sinais de que poderiam se rebelar contra o status quo. Diante de tantas dificuldades, Bassanezi (2012, p. 472) esclarece que um grande esforço

teve que ser feito no sentido de enquadrar, por meio de normas, as condutas femininas, demarcar o “lugar da mulher” e definir claramente que tipo de mulher seria alvo do respeito social. Médicos, juristas, religiosos, professores e demais autoridades preocupadas com a ordem pública alegavam questões de moralidade e uniam-se no coro das vozes hegemônicas a esse respeito.

Era preciso, portanto, reiterar a importância das representações de feminilidade que imperavam até então e, nesse sentido, ainda segundo Bassanezi (2012, p. 472), a imprensa teve um papel fundamental, pois funcionava como “caixa de ressonância, [já que] dedicava-se a descrever os contornos desta mulher, a „mulher ideal””. Dito isto, uma fonte rica e interessante que dá acesso ao que era veiculado na época são os periódicos direcionados ao público feminino que oferecem um panorama desse universo e dos ideais de conduta do período. As revistas femininas, nesse sentido, representavam e reafirmavam o pensamento hegemônico da sociedade, refletindo os modelos privilegiados para adequar-se a ela. É importante ressaltar que as revistas femininas, de um modo geral, buscam sempre uma “coesão social” (BASSANEZI, 1996), na tentativa de modalizar os comportamentos sociais e apagar diferenças ou conflitos, em virtude das relações de poder permanente. Bassanezi (1996, p. 17) afirma que “as revistas femininas não são o espelho fiel d’A Realidade, apenas contêm uma visão desta”, mas as expectativas sociais que acabam influenciando na construção da identidade feminina são frequentemente pautadas por esse tipo de publicação que funciona (e parece ter sempre funcionado) como cartilha de regras de comportamento para as mulheres.

Tendo em mente o poder da imprensa no processo de construção de identidades femininas, determinei, como objetivo deste artigo, o modo como essa construção se deu, no início da década de 1950, em uma das seções („*Carnet*” das *Jovens*) da publicação *Jornal das Moças*.

A LINGUÍSTICA APLICADA E A IDENTIDADE FEMININA

A vertente da Linguística Aplicada (LA) a que subscrevo tem sido vista, conforme aponta Moita Lopes (2006), como uma área de investigação trans/interdisciplinar que permite o estudo de diversos temas pelo viés social e cultural, permitindo dar voz a temas relevantes, porém marginalizados – tais como questões ligadas à construção de identidade de gênero, sexualidade, identidades raciais. Nesse viés, Moita Lopes (2006, p.86) argumenta que a ideia é

criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros, ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não de forma essencializada.

Esse modo de ver a Linguística Aplicada, que Moita Lopes (2006) cunha como “Indisciplinar”, parte da premissa de que linguagem exerce um papel fundamental na prática social, já que é através dela que o sujeito constrói a sua identidade. Nesse sentido, “o papel da mídia na construção de quem somos tem sido continuamente enfatizado” (MOITA LOPES, 2006, p.94), já que as diferentes mídias adentram ao mundo do indivíduo e, por vezes, o transformam. Considerando a LA como possibilidade de (re)construção/reinvenção social, a questão identitária chama atenção à medida que podemos pensar novas formas de reconstrução de identidades. O autor ressalta que o que se pretende não é buscar soluções definitivas para os problemas sociais, mas, sim, “compreender a vida contemporânea [e] como linguistas aplicados, nossa posição deve ser nos situar nas fronteiras onde diferentes áreas de investigação se encontram” (MOITA LOPES, 2006, p. 99).

Nesse sentido, a preocupação com a construção de uma sociedade em que os papéis masculinos e femininos sejam desempenhados com maior igualdade motivou a elaboração deste artigo que pretende contribuir para que as questões de gênero e sexualidade possam, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), ser contempladas no ensino de língua portuguesa. A expectativa é de que essa discussão forneça subsídios para que os professores possam focalizar a questão identitária feminina através do gênero textual de cunho jornalístico e caráter injuntivo², mostrando a importância da imprensa feminina nesse sentido.

² Silva (2004, p. 36), apoiado em evidências encontradas em Rosa (2003) ressalta a importância de se abordar textos injuntivos nas atividades escolares, já que “uso desses textos nas práticas sociais diárias envolvendo a escrita é bastante expressivo, exigindo muitas vezes um conhecimento particularizado do usuário”.

Também, é de fundamental importância a atuação dos professores de língua portuguesa, de maneira a enriquecer a formação dos alunos, tornando-os mais conscientes e respeitosos em relação à diversidade presente no espaço escolar (CAVALCANTI; MAHER, 2005). Segundo as autoras, as práticas discursivas na sala de aula corroboram para que o alunado componha identidades mais, ou menos, positivas. Para tanto, elas destacam os *Referenciais para Formação de Professores* do MEC (ênfase das autoras), que postula, serem muitos os aspectos

que precisam ser considerados para que o professor possa se relacionar com seus alunos de maneira não discriminatória e ajudar seu desenvolvimento, para que eles se lancem não só ao desafio de aprender os conteúdos escolares, mas também ao desafio de viver, participar de sua comunidade e da sociedade mais ampla. Isso demanda não só aquisição de conhecimentos já produzidos “sobre” crianças, jovens e adultos, mas também **uma reflexão sobre suas próprias representações e crenças, implicando muitas vezes uma revisão de valores pessoais. [...] Pelo lugar que ocupa, o professor tem enorme influência sobre seus alunos, pois a forma como os vê influencia não só as relações que estabelece com eles, mas também a construção da sua auto-imagem. [...]** Mesmo que não se manifeste explicitamente, sua forma de agir, suas expressões, seu tom de voz, entre outras coisas, contêm mensagens que dizem muito aos alunos (BRASIL, 1999, p. 89-90).

Acredita-se que esse seja um tema de relevância social para a educação, já que é através da linguagem que as representações são construídas e algumas delas legitimadas.

Contudo, para entender como se dá a construção da identidade feminina no *Jornal das Moças* é necessário tratar não apenas do conceito de *identidade*, mas antes entender a *identidade* como *representação*. Stuart Hall (1997, p. 61) afirma que o conceito de representação é amplo e está relacionado à construção do sujeito cultural, considerando que

a premissa de que as coisas – objetos, pessoas, eventos do mundo – não têm em si qualquer significado estabelecido, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, nas culturas humanas – que fazemos as coisas significarem, que significamos

Para o autor, a representação é um processo discursivo determinado pelo contexto cultural e socio-historicamente construído. Ainda nesse sentido, Woodward (2000, p. 17) aponta que a representação (ênfase minha)

(...) inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam-se possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Tratando-se de um processo cultural, a representação propõe uma identificação à medida que os seus sistemas e discursos (re)constróem identidades, a exemplo da “mídia [que] nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular” (WOODWARD,

2000, p. 17). A representação, portanto, é um sistema de significação, de atribuição de sentido, isto é, ela é construída por meio de um “sistema linguístico e cultural arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2000, p.91).

Nesse viés, segundo Hall (2011, p. 8), o conceito de identidade é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. Com as transformações sociais, as identidades modernas estão entrando em colapso e provocando o que alguns autores denominam de “crise de identidade”. Para Bauman (2005), o que era tido como estável na modernidade, na “pós-modernidade”, ou na era “líquido-moderna”, torna-se deslocado e moldável à medida que

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo tomam, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

A identidade, enquanto “celebração móvel” (HALL, 2011), tem provocado diversas reflexões e trazido dúvidas e incertezas que resultam na fragmentação do indivíduo e em identidades contraditórias. Assim, como afirma Hall (2011, p. 39), “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”. Nesse sentido, Hall (2011, p. 13) afirma que,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Essa concepção de identidade torna-se desconfortável e perturbadora, pois desestabiliza identidades fixadas no passado. Além disso, explica o autor, da perspectiva do sujeito pós-moderno, pode haver uma sobrecarga de identidades, pois “sempre há uma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar” (BAUMAN, 2005, p.19). No entanto, diante de um cenário de fragmentação, deslocamentos e descontinuidades proposto por essa concepção pós-moderna, a questão da identidade é de real importância, pois, segundo o autor, ela está relacionada a transformações sociais, políticas, culturais que nos constroem como sujeitos multiculturais.

Esse processo de identificação, afirmado sempre pela diferença (sou uma coisa porque não sou outra) está intimamente ligada à linguagem: é através do seu uso que se dá a construção da identidade. Silva (2000) afirma que a identidade e a diferença são dependentes da representação, ou seja, é essa relação de dependência que faz com que a identidade e a diferença adquiram sentido e constituam relações de poder, pois “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade [e] é por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e movimentos sociais ligados à identidade” (SILVA, 2000, p.91).

O caráter injuntivo da seção “Carnet” das Jovensé caracterizado por tentar fixar uma única identidade feminina, a mais “aceitável” possível e que deveria ser seguida por todas as leitoras. Silva (2000, p.83) ressalta que,

Fixar uma identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. **Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.** A identidade normal é “natural”, desejável, única. **A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade.** (grifos meus)

Nesse viés, fixar uma identidade é elegê-la como hegemônica dentro de um contexto social, cultural e histórico que pretende torná-la única e almejada por todos.

Além da discussão do conceito de identidade e de representação, o gênero, conforme esclarece Louro (2003), visto além do sexo biológico, também deve ser encarado como um construto social. Isto significa dizer que as feminilidades e masculinidades não estão estritamente ligadas às características sexuais específicas, mas, sim, ao modo como elas se apresentam, e são apresentadas, em determinado momento sócio-histórico. Sendo assim, Louro (2003, p. 21) afirma que “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

As categorias “homem” e “mulher”, vistas de uma perspectiva multicultural, segundo a autora, não pretende negar o sexo biológico, mas considerá-lo como construção social, de maneira a possibilitar que as desigualdades entre as categorias sejam vistas sob a ótica do contexto social, histórico e cultural. O gênero, portanto, é constituinte da identidade. A ideia de que o feminino e o masculino são dois extremos opostos que se “relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão” (LOURO, 2003, p. 31), é bem acentuada na revista *Jornal das Moças*. É como se ela pretendesse atribuir papéis de feminilidade, isto é, “padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar” (LOURO, 2003, p. 23).

Ao “distribuir” papéis masculinos e femininos mais “adequados” para aquela sociedade, o periódico deixa de considerar as múltiplas identidades possíveis para as mulheres e os homens. Ao compreender, portanto, as identidades de gênero como construções sociais e considerar que as relações e representações estão em contínua mudança, é possível pensar nas identidades de gênero como um contínuo de transformações, de múltiplas identidades e relações de poder. No caso desta análise, a identidade feminina não se apresenta de maneira múltipla, já que “os discursos das revistas femininas estão envoltos em relações de poder, poder de regular as condutas, de dizer como agir, o que comer, que atividades físicas praticar em que horário e local, que roupas estão na moda, etc” (ANDRADE, 2003, p. 120).

A MULHER E A IMPRENSA: A REVISTA “JORNAL DAS MOÇAS”

O periódico *Jornal das Moças* pode ser caracterizado, segundo Dulcília Buitoni (1986, p.8) como parte da história desse tipo de imprensa. A autora explica que o jornalismo considerado “feminino”, deve-se, não ao fato de mulheres, em muitos dos casos, serem autoras das matérias publicadas, mas porque “o elemento definidor é o sexo de suas **consumidoras**” (grifo meu). É importante salientar, no entanto, que embora o jornalismo feminino fosse desenvolvido, prioritariamente, por mulheres, homens também o liam à época, ainda que em menor número. É relevante enfatizar que, ainda segundo Buitoni (1986), embora a referida imprensa pareça, à primeira vista, tratar apenas de futilidades ou assuntos amenos, ela veiculava fortes representações sobre o que significava “ser mulher” em determinado momento histórico. A autora afirma que, de modo geral, os jornais e as revistas do universo feminino “funcionam como termômetro dos costumes da época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada. A movimentação social mais significativa também vai sendo registrada” (BUITONI, 1986, p. 24).

Ao discorrer sobre a imprensa feminina do período aqui focalizado, Buitoni explica que ela era caracterizada por ser eclética devido à grande variedade de assuntos colocados em pauta, o que faz com que contivesse diversas seções temáticas e se caracterizasse como “múltipla” e “multifacetada” (BUITONI, 1986, p. 67). Convém ressaltar que a imprensa feminina é uma imprensa de deveres, que, como já dito, veicula normas de comportamento, o que faz com que tenha um peso considerável no contexto cultural. Nesse sentido, Bassanezi (1996, p. 19) aponta que as revistas femininas

evocavam as diferenças entre os sexos, consideradas “naturais”, para definir normas, “verdades absolutas”, identidades e papéis (aparentemente) fixos que implicaram em desigualdades (entre o masculino e o feminino, entre homens e mulheres, entre os que podiam e os que não podiam - como, por exemplo, as classes baixas - seguir os modelos dominantes).

No Brasil, a imprensa feminina só começou a “funcionar” no início do século XIX, muito tardiamente quando comparada à imprensa feminina da Europa, que já era importante desde o século XVIII. O primeiro periódico feminino brasileiro, segundo Buitoni (1986), foi o carioca *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827 e seguido por outras publicações nos anos seguintes. Embora todos eles possam ajudar a definir os contornos da construção de identidades femininas ao longo da história do Brasil, interessou-me, nesta pesquisa, focalizar um periódico em específico – o *Jornal das Moças* –, tal como ele se apresentou às suas leitoras na primeira metade da década de 50.

O semanário carioca *Jornal das Moças* teve o seu primeiro exemplar veiculado no dia 21 de maio de 1914 e, contando com trinta páginas, custava quatrocentos réis. Nota-se que, na breve apresentação desse primeiro número, prometia-se o “cultivo de espírito de nossas gentis patrícias” (JM³, maio/1914, n.00001, p. 5). Nos anos entre 1950 e 1954, de interesse desta pesquisa, a revista, que já contabilizava mais de trinta anos de vendas e apresentava alta popularidade, figurava em “1º lugar na imprensa feminina em 1945 (SP) e 1º lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 50 (SP e RJ)” (BASSANEZI, 1996, p. 23).

³ Abreviação adotada para citação de trechos do *Jornal da Moças*.

A revista apresentava também um suplemento denominado “Jornal da Mulher - Revista Semanal de Figurinos e Bordados”, dirigido por Yara Sylvia. Esse suplemento continha modelos de bordados e figurinos de moda feminina e, por vezes, moda infanto-juvenil. Segundo Bassanezi (1996), ele era o ponto alto da revista, representando em torno de vinte a trinta páginas do total. Notou-se, além disso, a presença, na maior parte da revista, de um número expressivo de propagandas que pretendem vender desde refrigerante até produtos de beleza.

Durante os cinco anos analisados, a estrutura do JM permanece, com pequenas mudanças de nomes de seções, no entanto, o conteúdo da revista não é modificado, ou seja, “não há grandes transformações no discurso da revista” (BASSANEZI, 1996, p. 32). O cinema e o rádio figuram como os destaques da época, unidos aos assuntos de caráter doméstico que predominam no periódico. Como um todo, o *Jornal das Moças* traz fortes influências da cultura norte-americana, conforme aponta Bassanezi (1996, p. 24):

O Jornal das Moças chega a publicar muitos artigos e contos copiados de revistas norte-americanas. Através de “reportagens” - pesquisas e textos sobre “atualidades” - as leitoras brasileiras entram mais em contato com vivências de norte-americanas que de suas compatriotas (os principais assuntos são casamento, maternidade e trabalho feminino). A revista, porém, mantém uma atitude ambígua diante dos valores e novidades estrangeiros. Por exemplo, ao mesmo tempo em que promove o cinema e os astros de Hollywood, várias vezes o critica como “liberais demais”, alertando as leitoras de que “no Brasil é diferente”. Certos costumes e notícias são adjetivados como “coisas de americano” no sentido de excentricidades de estrangeiros.

É interessante observar que, ao retratar o estilo de vida de uma artista, que não correspondia ao que era “pregado” para as “moças de família”, a revista buscava exaltar o lado materno e de “rainha do lar” de determinada atriz ou cantora, para que assim fossem exaltadas as suas “verdadeiras” responsabilidades com mulher. O *Jornal das Moças* como um todo, embora com diferentes seções e abordagens, refletia opiniões semelhantes ou complementares. A revista procurava manter a ordem tradicional estabelecida de família, com diferentes frentes e argumentos, veiculando determinadas imagens femininas para as leitoras, que eram de idade, escolaridade e classe social distintas. Além do público feminino, o *Jornal das Moças*, que exaltava o seu título não só de líder das revistas femininas, mas de grande alcance no lar, também circulava, como dito anteriormente, entre os homens e as crianças (BASSANEZI, 1996).

Após ter feito uma análise dos trabalhos presentes na literatura especializada que focalizam a revista em questão no período de 1950 a 1959, observei que a seção “*Carnet*” das *Jovens* ainda não havia sido especificamente investigada, o que motivou a realização deste artigo.

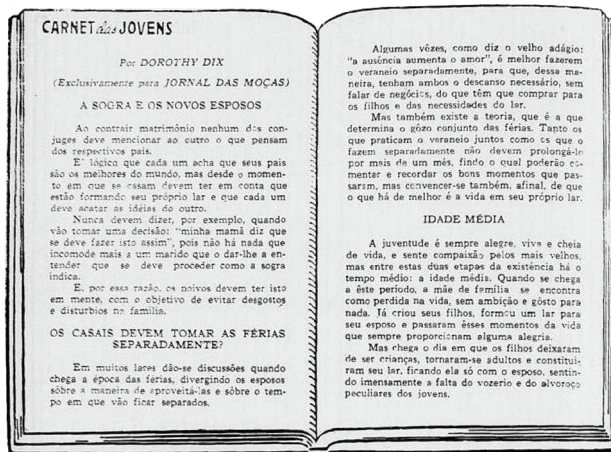
O “CARNET” DAS JOVENS

Veiculada até o final de 1954, a seção “Carnet” das *Jovens* foi inaugurada em 21 de agosto de 1947,

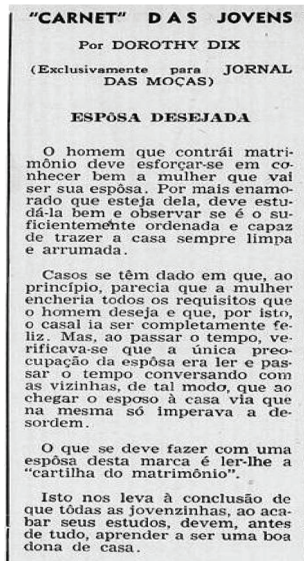
com o fito de proporcionar novas seções àqueles que vêm acompanhando as grandes criações do JORNAL DAS MOÇAS, iniciaremos no próximo número, de 21 deste mês, a publicação de várias pequenas novidades destacando-se entre elas a “Carnet das jovens”, assinado por Dorothy Dix, nome internacionalmente famoso como dos melhores conselheiros, com inteira exclusividade no Brasil, para o JORNAL DAS MOÇAS” (JM, agosto/1947, n.01678, p. 64).

Fora o fato de a seção “Carnet” das Jovens não ter sido especificamente estudada, a escolha por torná-la o *corpus* deste artigo, deve-se ao fato dessa coluna ser uma das três seções que possui caráter injuntivo⁴ em o *Jornal das Moças*, isto é, que indica, mais objetivamente, qual deveria ser o comportamento moral das moças na época, quais “regras” a respeito da conduta feminina deveriam ser observadas.

“Carnet”, palavra francesa que significa pequeno caderno ou caderneta de anotações⁵, dá nome à seção de dicas de comportamento na revista *Jornal das Moças*. Conforme dito anteriormente, o *Carnet* aparece pela primeira vez no periódico em agosto de 1947 e perdura até final do ano de 1954. No período aqui analisado, a diagramação da seção, por vezes, apresenta-se no formato de um pequeno caderno, de fato, e outras, em formato de coluna, conforme exemplificado a seguir.



Referência 1: JM, set/1951, n. 01890, p. 66



Referência 2: JM, jun/1951, n. 01880, p. 12

⁴ Bassanezi (1996) classifica como injuntivas, três seções de o *Jornal das Moças* voltadas para o comportamento feminino: “Bom dia, Senhorita”, “Bazar Feminino” e “Carnet das Jovens”. Segundo Travaglia (2007, p. 5), textos do tipo injuntivo, instauram modos de interação, de interlocução específicos indicando procedimentos a serem realizados, pois seu conteúdo “é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito, uma ou várias ações ou fatos e fenômenos cuja realização é pretendida por alguém”.

⁵ Retirado de http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/definicao/francesportugues/carnet_17161.html (Acesso em 23/04/2013)

Escrita por Dorothy Dix, pseudônimo da jornalista americana Elizabeth Meriwether Gilmer (1870-1951), a seção “*Carnet*” das *Jovens* era traduzida com *exclusividade* para o *Jornal das Moças*. Gilmer foi considerada pioneira na imprensa com suas dicas voltadas ao público feminino nos anos 1900⁶. A seção é caracterizada por dar dicas de comportamento relacionadas à moral social da época, tais como: pré-matrimônio, comportamento da boa esposa, matrimônio feliz, viuvez, entre outras. Algumas vezes, em uma mesma seção, três temas diferentes eram abordados, como na imagem da referência 1: “a sogra e os novos esposos”, “os casais devem tomar as férias separadamente?” e “Idade Média”.

O “*Carnet*” das *Jovens* caracteriza-se por textos curtos de tom injuntivo que parecem querer normatizar o comportamento das mulheres e, conseqüentemente, dos homens, conforme explicitado na imagem da referência 2, “isto nos leva à conclusão de que todas as juvenzinhas, ao acabar seus estudos, devem, antes de tudo, aprender a ser uma boa dona de casa”. A ideia dessas dicas de comportamento estarem inseridas em um carnet parece remeter ao fato de que a jovem deveria tê-lo sempre à mão, para eventuais consultas e que, ela, sendo uma atenta leitora do *Jornal das Moças*, deveria tomar notas a respeito dos assuntos de interesse do universo feminino.

É conveniente ressaltar que a seção era regular, porém não estava presente em todas as publicações, conforme quadro apresentado a seguir.

ANO	Nº DE PUBLICAÇÕES “JM”	Nº DE SEÇÕES “CARNET”
1950	37	22
1951	42	28
1952	35	25
1953	38	09
1954	41	05

O “*Carnet*” das *Jovens* apresentava-se de maneira regular e era constituído de textos curtos com a temática de meu interesse. A pesquisa, viabilizada pela *Fundação Biblioteca Nacional*, através da *Hemeroteca Digital Brasileira*⁷ que possui todas as publicações do período de 1950 a 1959 digitalizadas e disponíveis *on-line*, foi realizada com todos os *Carnet* que compreendiam o período dos “Anos Dourados”, resultando em 89 publicações. Utilizei, para este artigo, 12 publicações compreendendo a categoria “pré-matrimônio”, subdividida em: “a caminho do altar”, “encontrar marido é coisa séria!” e “a esposa ideal”.

⁶ Retirado de <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/233822/Elizabeth-Meriwether-Gilmer>> (Acesso em 15/04/2013).

⁷ Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

ANÁLISE DE DADOS: O PRÉ-MATRIMÔNIO

É através do que Buitoni (1986) chama de “convencimento inocente”, isto é, as armadilhas linguísticas e o tom injuntivo utilizado pela imprensa feminina, já que “os textos injuntivos, embora se apresentem como uma sequência de injunções, na verdade, transmitem um saber sobre como realizar alguma coisa, expõem um plano de ação para atingir determinado objetivo” (FIORIN, 2014, p. 6), que pretendi analisar algumas das publicações do “*Carnet das Jovens*”. Neste artigo, focalizo a análise de dados na categoria “pré-matrimônio”.

A caminho do altar

O *Jornal das Moças*, assim como a seção “*Carnet das Jovens*”, voltava-se para a ideia da “família estável”, reforçando sempre que o destino da mulher era o casamento, o lar e a maternidade. O pré-matrimônio, isto é, todos os tipos de preparativos desde se ter um marido até os quitutes da festa, estão presentes no rol de preocupações das jovens, já que, como nos aponta Bassanezi (1996, p. 57), “o casamento é considerado a porta de entrada para a realização dos ideais de mulher. E as moças precisam ser educadas para que não se desviem do “caminho correto” e não escapem ao seu “destino”.

A seção em questão não deixa que as suas leitoras se esqueçam de suas obrigações com o futuro matrimônio e ajuda as jovens dando dicas dos principais lugares para se frequentar, como “casas de família, igrejas, centros sociais, etc, são todos lugares mais propícios a tal entendimento”, que são lugares “nos quais as jovens que desejam contrair matrimônio podem encontrar um bom companheiro” (*Onde encontrar um bom esposo*, janeiro/1950, n.01805, p. 82). Além de frequentar os lugares “corretos”, a jovem que quisesse obter sucesso, precisaria destacar-se das outras, atraindo admiradores. Convém ressaltar que a eleição do futuro cônjuge não se fazia apenas pelo ideal do amor romântico, mas a jovem deveria visar à estabilidade social, isto é, unir o sentimento aos atributos necessários para um “bom casamento” (BASSANEZI, 1996).

Para tanto, o *Carnet* alerta as jovens sobre como preparar-se para o matrimônio (Matrimônios juvenis, maio/1950, n.01821, p.6),

Antes de dar êsse passo, a jóvem deve adquirir o necessário preparo doméstico, embora divertindo-se com jovens de sua idade, moças e rapazes. Quando se sinta, então, com suficiente capacidade para enfrentar o governo de sua casa, **deve** nessa hora, decidir sua posição na família. A jovem que proceder assim pode estar certa de que será feliz e fará feliz o seu companheiro de destino. (grifos meus)

No trecho em questão, as formas verbais imperativas “dever” e “poder” aparecem de maneira a convencer a mulher de que determinado ponto de vista é correto. Buitoni (1986, p.75) afirma que “por detrás do tom coloquial, existe todo um ordenamento de conduta. „Você, minha amiga” traz uma imposição sub-reptícia; a leitora aceita muito mais facilmente a ação que vem sugerida logo adiante”.

Na constituição da mulher ideal dos “anos dourados”, o casamento é a peça chave, já que é ele que proporciona o desempenho das duas outras características femininas principais: a maternidade e o governo do lar. O *Jornal das Moças* valoriza, segundo Bassanezi (1996, p. 58), “a autoridade dos pais e o „bom senso“ dos adultos”, sendo estes os responsáveis pela educação dos filhos: o pai, com as decisões severas e a mãe, com os ensinamentos sobre “ser mulher”. O “*Carnet*” das *Jovens* dá especial atenção à educação feminina, (*Obrigação da mãe para com sua filha*, maio/1951, n.01876, p.68)

Qual é a obrigação da mãe para com as filhas? **Fazê-las** crerem em Deus; **que digam** sempre a verdade; **que saibam** apresentar-se limpas e corretas, tanto moral como fisicamente; que saibam aceitar sua responsabilidade na vida e sentir que o mundo espera delas algo mais que somente saber vestir-se e apresentar-se como bonecas. (grifos meus)

Além das competências acima elencadas, embora o JM não esclareça o “algo a mais”, segundo o *Carnet* estava “nas mãos das mães evitar o desastre [matrimonial], dedicando-se a ensinar às filhas o modo pelo qual se devem conduzir no lar” (*Maneira de educar as filhas*, abril/1951, n.01871, p.17). Os trechos em questão apresentam o tom de aconselhamento de Dorothy Dix, os verbos “poder” e “dever” são recorrentes e denotam um caráter injuntivo, isto é, fazem com que o leitor sintam-se impelido a agir dessa ou daquela forma. Buitoni (1986, p. 75) esclarece que,

A utilização de formas verbais imperativas – “Faça”, “Olhe”, “Ande”... – diminui a faixa de liberdade da leitora. Numa linguagem muito próxima da publicitária, os textos dirigidos à mulher são verdadeira comunicação persuasiva, aconselhando-a a todo momento sobre o que fazer. [...] Das grandes receitas às pequenas, tudo traz ingredientes e modo de fazer. Como se vestir, como preparar sopa de cebolas, como agarrar seu homem, como conseguir emprego, como ser boa mãe, tudo é receita. Onde a opção? Onde a discussão?

Tratando-se de uma seção que pretende equalizar o comportamento feminino, verificar o verbo que é o “núcleo do enunciado, e dele depende a escolha das outras unidades que vão aparecer à sua direita ou à sua esquerda e até o fato de que não vai aparecer unidade nenhuma” (IRANDÉ, 2004, p. 129), parece coerente para esta análise. Preparadas para cuidar da casa, as jovens, então, deveriam atrair admiradores.

Encontrar marido é coisa séria!

Dix dedica algumas de suas publicações a “ensinar” como deveria ser o comportamento da jovem para conseguir casar-se, já que, segundo Bassanezi (1996, p. 64) “encontrar um marido é assunto sério que não admite brincadeiras como o flerte. O flerte é condenado tanto por não ter como objetivo o casamento, como por encobrir uma sensualidade e dar margem a comentários prejudiciais à reputação da moça”. Dorothy Dix alerta que “os homens preferem por esposa uma moça que tenha um modo de ser inatacável e simples, [pois] quando um homem encontra uma jovem que sabe levar uma vida econômica, sem luxos, se fixa nela mais que em outras.” Ela ainda alerta que “sempre se **deve** ter presente o ser **virtuosa e comedida** em tôdas as coisas da vida” (*A humildade é sempre recompensada*, abril/1951, n. 01869, p.52). Os grifos feitos por mim mostram

novamente a presença do verbo “dever” e começam a aparecer adjetivos relacionados à jovem ideal, nesse caso “virtuosa” e “comedida”. Os adjetivos, segundo Irlandé (2004, p.127), “refletem a forma ou a dimensão de como as coisas estão sendo referidas e muito contribuem para sinalizar em favor da identificação pretendida para essas referências”. Ainda nesse sentido, mais conselhos são dados às jovens: “Tomem nota, minhas leitoras jovens. Eis aqui outra maneira de atrair admiradores: - **devem** ser mais **amigáveis** e **caseiras** e não demonstrar que só se interessam pela vida externa. (*Maneiras de formar um lar*, maio/1950, n. 01822, p.8) (grifos meus).

O governo do lar é outro atributo importante para atrair admiradores já que, segundo Dix, “todas as jovencinhas, ao acabar seus estudos, devem, antes de tudo, aprender a ser uma **boa dona de casa**.” (*Espôsa desejada*, junho/1951, n. 01880, p.12) (grifos meus). O *Carnet* também dirige-se ao mesmo tempo aos homens que procuram a esposa ideal, no sentido de que ele “deve esforçar-se em conhecer bem a mulher que vai ser sua esposa” para observar se ela é “suficientemente ordenada e capaz de trazer a casa sempre limpa e arrumada” (*Espôsa desejada*, junho/1951, n. 01880, p.12) (grifos meus). A seção, que, por vezes, utiliza a opinião masculina para regular as atitudes femininas, pretende resolver dilemas, como por exemplo, se o homem deve escolher uma mulher bonita ou inteligente para casar-se, ao que conclui Dix,

Por isto, o melhor conselho que se pode dar em uma ocasião semelhante é escolher a mulher inteligente, porque, ainda que não seja bela, pode fazer o lar mais feliz, pois sabe como fazer para entreter e distrair seu espôso, o que contribui para que ele tenha mais desejos de estar em seu lar que fora do mesmo com outras companhias. (*Espôsa atraente*, maio/1951, n. 01873, p.66)

Ainda nessa publicação, Dorothy Dix ainda questiona: “Não há dúvida de que a beleza é a qualidade que chama a atenção de todo o mundo; mas que se lucra em ter um móvel, se não serve para nada?” Fica evidente o caráter machista dessa publicação que vê a mulher enquanto objeto e que é dela que depende a felicidade conjugal. Ainda nesse sentido, o *Carnet* deixa claro que “todo homem quando **planeja** formar seu lar o que mais **deseja** é que sua espôsa seja **carinhosa, atenta e preocupada** com êle e com tudo que lhe diz respeito” (*Boa Espôsa*, fevereiro/1951, n. 01860, p.18) (grifos meus). Ao falar do homem, a seção não utiliza o tom injuntivo, já que o homem “planeja” e “deseja”, isto é, os homens ditam as suas preferências e as mulheres cumprem, pois elas “devem”, “precisam” e “tem que ter”. Para atrair admiradores, elenquei as características femininas de preferência deles que aparecem nas publicações do *Carnet*:

- virtuosas
- comedidas (em relação às finanças)
- amigáveis
- caseiras
- boas donas de casa
- inteligentes
- ordenadas (em relação a casa)
- capazes (de cuidarem da casa)
- carinhosas
- atentas
- preocupadas

E após ter conseguido o marido perfeito, qual deveria ser o comportamento da esposa ideal?

A esposa ideal

Os papéis femininos e masculinos dentro da união conjugal estavam bem definidos na sociedade do pós-guerra: “a rainha do lar” e o “chefe da casa”. Assumidas essas características, a felicidade conjugal era mais do que garantida (BASSANEZI, 1996). O título de “rainha do lar” era conferido à jovem, por ser o atributo de maior importância para o matrimônio, o *Carnet* justifica-se (*Para ser bôa espôsa tem que ser boa dona de casa*, abril/1951, n. 01871, p.15)(grifos meus),

Não há hoje motivo que justifique uma mulher não saber como se prepara uma **bôa comida**. Há uma infinidade de livros e revistas que explicam facilmente como fazer pratos saborosos, sem complicações e como apresentá-los **atraentemente**. Não se **deve** culpar um marido que, depois de chegado a casa, de seu trabalho, se zangue por não lhe ser oferecido um agradável jantar.

É possível observar que os mesmos adjetivos mencionados anteriormente são utilizados para definir a alimentação que deveria ser feita pelas mãos da esposa, ofertada ao marido, como “boa” e “atraente”. Os adjetivos se mesclam e delimitam as referências em relação à mulher e aos seus atributos no “governo do lar”. Para a mulher que, além de esposa, também deve desempenhar o papel de mãe, o *Carnet* faz uma consideração taxativa em relação à atenção dedicada ao filho e ao marido: “Do esposo quem **deve** cuidar é mulher. Os maridos são seres humanos e gostam que os satisfaça com prazer e carinho. A mulher que se encontra em conflito deve-se resolver primeiro pelo “bebê” mais velho e não pelo verdadeiro bebê.” (*O marido é o primeiro*, março/1950, n.01813, p.18) (grifo meu). Mesmo diante da situação de ter um bebê em casa, a atenção principal ainda deve ser devotada ao marido, mais uma vez o “deve” aparece nas publicações. Nesse viés, Bassanezi (1996, p.281) afirma que,

A companheira perfeita deve procurar sempre agradecer o marido em nome da almejada “harmonia conjugal”, e diante desta ficam em segundo plano as diferenças de opinião, os desejos e as inseguranças femininas. O desejo que *Jornal das Moças* faz da “companheira perfeita” remete a revoltas sufocadas, sacrifícios e submissão da esposa com relação ao marido (não se espera o mesmo dos homens). O homem aparece quase como um espelho da auto-estima feminina: se ele está bem, o casamento vai bem.

Para essa almejada “harmonia conjugal” a mulher deve esforçar-se, segundo o *Carnet*, para começar bem o dia, pois “a mulher nunca deve permitir que seu espôso se levante primeiro e lhe prepare o café, deixando-se ela dormir na cama” (*Dificuldades matutinais*, janeiro/1952, n.01909, p.6) (grifo meu). Ao mesmo tempo em que o “*Carnet*” das Jovens pretende dar dicas quanto ao comportamento feminino e assuntos de “interesse da mulher”, há uma posição ambígua do JM, conforme afirma Bassanezi (1996, p.285),

Na verdade, sob este aspecto, as revistas assumem uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que reforçam um “mundo feminino” (com atribuições, formas e expectativas de comportamento específicas que incluem certas aparências, visões de mundo, hábitos de consumo, atividades domésticas, trabalhos manuais etc.), recomendam às esposas que não incomodem seus maridos com “coisas de mulher”, “manias de limpeza”, frivolidades, caprichos, inseguranças ou romantismos inesperados.

O fato de a esposa deverter um comportamento pré-determinado de maneira a agradar o marido fica claro nesses trechos analisados da seção. O tom injuntivo “nunca deve permitir” e o excesso de cuidado com o marido, sendo até mais importante que a atenção dada ao bebê, mostra a soberania do homem no lar e que a esposa só era ideal se correspondesse aos anseios deste homem, deixando os seus em segundo plano.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo sexo. Segunda Imprensa. Secundário, secundária. Sempre um segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo (BUITONI, 1981, p.1).

O fato de que a mulher sempre aparece, de alguma forma, ocupando segundos lugares nas representações da sociedade foi o que, de fato, sendo eu mesma uma mulher, motivou-me para a escrita deste artigo. A imprensa feminina, em anos de imperativo, participou (e participa) na construção da identidade feminina através de seus conselhos, receitas, dicas, que, no caso do *Jornal das Moças*, durante a “década de ouro”, tentava fazer com que a mulher se sentisse confortável no papel de mãe, esposa e “rainha” do lar. O recorte para esse artigo – o “*Carnet*” das Jovens – possibilitou analisar o JM através de uma seção de caráter injuntivo que, direcionada às jovens, prescrevia regras de comportamento para “boas moças”, que deveriam estar em um casamento ou em direção a ele.

A percepção das armadilhas linguísticas da imprensa feminina foram essenciais para a análise de dados das publicações que, por vezes, mascararam o caráter injuntivo dessa seção. A identidade feminina hegemônica no Brasil, dentro do panorama histórico pós Segunda Guerra Mundial, era da mulher como dona de casa, mãe e esposa ideias, responsável pelo seu matrimônio, que não deveria, de maneira alguma, deixá-lo fracassar, mesmo que para isso precisasse abrir mão de seus próprios desejos.

A análise de mídias impressas é importante, a meu ver, para entender o percurso da história das mulheres e a construção de suas identidades. Espero que as análises de textos aqui feitas possam ser úteis para professores de língua portuguesa no sentido de que elas talvez possibilitem a percepção da relevância de trabalhar as identidades de gênero em sua prática pedagógica. Muitos padrões de comportamento atuais são reflexos dessa construção incisiva, nos anos 1950, em cima do casamento, do lar e da maternidade, como obrigação para todas as mulheres.

A produção deste artigo possibilitou verificar o quanto a mulher, ao longo de sua história, seguiu, atentamente, diferentes “carnês” para saber como deveria se comportar, como deveria ser e o que, exatamente, deveria desejar. Acredito que, a imprensa feminina atual não está descolada desta, analisada aqui, e em muito dialogam, dentro de um jogo de poder sufocante, nessa construção identitária da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, S. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.
- ANTUNES, I. Aula de português: encontro & interação. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BASSANEZI, C. Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- BASSANEZI, C. A Era dos Modelos Rígidos. In: BASSANEZI, C.; PEDRO, J. M. (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAUMAN, Z. Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Referenciais para Formação de Professores. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BUITONI, D. H. S. Imprensa feminina. São Paulo: Ática, 1986.
- BUITONI, D. H. S. Mulher de papel. A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- CAVALCANTI, M. C. e MAHER, T. J. M. Diferentes Diferenças: desafios interculturais na sala de aula. Brasília: MEC/CEFIEL/IEL/Unicamp, 2009 (51 pgs).
- FIORIN, J. L. Gêneros e tipos textuais. Projeto Apoema. Editora do Brasil. 2014. Disponível em <http://www.editoradobrasil.com.br/portal_educacional/fundamental2/projeto_apoema/pdf/textos_complementares/portugues/pap_texto_complementarXX_generos%20e%20tipos%20textuais.pdf> Acesso em 23/05/2014
- HALL, S. The work of representation”. In: HALL, S. (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. MOITA LOPES, L. P. Poruma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NOGUEIRA, N. A participação feminina na Segunda Guerra Mundial: as mulheres e os esforço de guerra. 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/5425073/1_A_PARTICIPACAO_FEMININA_NA_SEGUNDA_GUERRA_MUNDIAL_AS_MULHERES_E_O_ESFORCO_DE_GUERRA>. Acesso em 28/01/2014.
- ROSA, A. L. T. A sequência Injuntiva Passo a Passo. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2003.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA T. T. (Org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis: Vozes, 2000, v. 1, p. 73-102.

SILVA, W. R. A Prática de Análise Linguística no Livro Didático: uma proposta pós-PCNs. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n. 43, p. 35-49, Jan./Jun. 2004.

TRAVAGLIA, L. C. A Caracterização de Categorias de Texto: tipos, gêneros e espécies. Alfa, São Paulo, v. 51, n.1, p. 39-79, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA T. T. (Org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis: Vozes, 2000, v. 1, p. 7-72.

Periódicos referidos por ordem de data

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 00001, maio. 1914.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01678, ago. 1947, p.64

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01805, jan. 1950, p.82)

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01813, mar. 1950, p.18)

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01821, mai. 1950, p.6)

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01822, mai. 1950, p.8)

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n.01860, fev. 1951, p.18)

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01869, abr. 1951, p.52.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01871, abr. 1951, p.15-17.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01873, mai. 1951, p.66.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01876, mai. 1951, p.68.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01880, jun. 1951, p.12.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01890, set. 1951, p.66.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora: Jornal das Moças, n. 01909, abr. 1952, p.6.

Sites visitados

<<http://www.wdl.org/pt/item/2733/>>

Acesso em 01/04/2014

<http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/definicao/francesportugues/carnet_17161>

Acesso em 23/04/2013

<<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/233822/Elizabeth-Meriwether-Gilmer>>

Acesso em 15/04/2013.

<www.hemerotecadigital.bn.br>

Acessado ao longo do tempo em que a pesquisa em questão foi realizada.